ISSN: 2358-8829

APRENDIZAGEM, ANCESTRALIDADE JUNTOS NA CONSTRUÇÃO DO SABER

Ednalva Santos da Silva [1]
Karina de Oliveira Santos Cordeiro [2]

INTRODUÇÃO

O processo de ensino precisa estar em articulação com o território, ao qual o aluno está inserido e a partir desse contexto construir uma aprendizagem significativa, onde o sujeito seja protagonista deste processo e sua identidade seja valorizada. Para tanto, as propostas pedagógicas necessitam atender as demandas da diversidade presente nas escolas brasileiras.

E diante desse contexto rico em ancestralidade se faz necessário pensar propostas pedagógicas que juntem aprendizagem, ancestralidade na construção do saber pensando nessa junção que foi elaborado o projeto Biblioteca Viva, a fim de articular os conhecimentos sistematizados a cultura do aluno, com ações de leitura e produção de texto, rodas de conversa com diversos temas e participação da comunidade de forma a valorizar os saberes ancestrais presente na comunidade.

Com o planejamento de atividades visando a promoção do fortalecimento da identidade quilombola, em interação com os costumes e tradições do aluno e suas famílias criando momentos de vivência ancestral no espaço da biblioteca. Definimos como objeto de estudo a seguinte questão: como articular os saberes ancestrais presentes na comunidade e promover a aprendizagem significativa e o fortalecimento da identidade quilombola?

Tendo como objetivo geral, construir uma aprendizagem alicerçada nos saberes ancestrais. Este estudo foi realizado na biblioteca da Escola Municipal Joaquim Pereira dos Santos, específicos articular os saberes ancestrais as práticas de leitura na biblioteca; organizar as atividades na biblioteca em dias e horários definidos para cada turma ; desenvolver atividades a partir do contexto social, histórico e cultural do povo negro na

[1] Mestranda do Curso de Educação do campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia URFB, nalva.sorriso15@gmail.com.
[2] Doutora em educação e professora do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, koscordeiro@ufrb.edu.br.

perspectiva do letramento racial com a participação dos membros da comunidade; propor atividades com a participação dos alunos e professores; organizar rodas de conversa com as rezadeiras, artistas, sambadeiras, trabalhadores rurais.

A escola Municipal Joaquim Pereira dos Santos estando localizada em uma comunidade quilombola, desse modo trabalhar a educação escolar quilombola é fundamental para a promoção de uma aprendizagem significativa, tendo em vista as especificidades do aluno, famílias e território. Para Silva (2022), viver-sentir-pensar - fazer quilombola envolve e compõe-se dos territórios: das suas lutas, do fazer político das mulheres, de seus coletivos.

A Educação Escolar Quilombola, enquanto modalidade de ensino, é resultado de um processo histórico no qual o povo negro foi protagonista na luta e defesa por uma educação específica para seu povo. Os primeiros movimentos revolucionários desejavam a liberdade e o fim do modelo escravista da época, os vestígios dessa exclusão histórica interferem no processo educativo que adotou procedimentos baseados nos conceitos eurocêntricos. A educação escolar quilombola se consolida no rompimento com esses conceitos e práticas pedagógicas que colocam o negro nesse lugar de inferioridade, subserviência, incapacidade.

É importante pontuar a necessidade de construir um novo currículo flexível. De acordo com Brasil (2012), o currículo precisa estar aberto, flexível e de caráter interdisciplinar, elaborado de modo a articular o conhecimento escolar e os conhecimentos construídos pelas comunidades quilombolas.

A identidade quilombola representa características de um processo coletivo que envolve ancestralidade, luta e resistência, relações com o território, com os elementos da natureza e com os pares. As tradições culturais, religiosas, a culinária que marcam a trajetória da população negra brasileira.

O território é o espaço de vivências e experiências, onde as identidades são construídas nas relações sociais, culturais, políticas e religiosas estabelecidas com as pessoas com os elementos da natureza que configuram o modo de vida do povo de quilombo. Portanto, a identidade quilombola trata do pertencimento, da história, das lutas, das tradições, das memórias, da oralidade, da religiosidade, em que o sujeito quilombola integra um coletivo, no qual existe um sentimento de pertença, respeito e vivência, no qual o indivíduo é parte importante desse conjunto.

> É falar a partir de seus territórios, da forma como vivem, sentem, organizam e pertencem. É romper o silêncio e usar suas formas e linguagens para expressar para si a para os outros o seu "eu" corpo, lugar, organização, representação e os sentidos das lutas coletivas e individuais. (Silva,2022, p.319)

O quilombo quase sempre foi retratado como um espaço marginalizado, onde viviam malfeitores, preguiçosos. A identidade dessas pessoas foi inferiorizada ao longo do tempo, o seu potencial não reconhecido, desse modo, o enfrentamento ao racismo surgiu como um processo de resistência. De acordo com Bento (2022), é preciso compreender a importância do Movimento Negro em relação à desconstrução e à ressignificação das relações étnico-raciais no Brasil, politizando a raça, dando um trato emancipatório e não inferiorizante.

Para Silva (2022), na tentativa de diminuir os efeitos da exteriorização, classificação e coisificação feitas com os quilombos, suas formas de vida e dinâmicas próprias que precisamos, mais do que classificar e nomear o pensar e fazer sentir das mulheres quilombolas.

Para compreender a construção da identidade quilombola, é preciso analisar como se constrói o processo histórico e social das comunidades, marcado pelas tradições presentes no modo de viver do quilombo. Para tanto é preciso ter respeito à ancestralidade presente nos saberes dos griôs. Ademais, a identidade quilombola compreende tanto os traços físicos, quanto às relações com o território e o modo de viver que reflete os elementos culturais, históricos e religiosos que foram passados de geração em geração.

> As práticas pedagógicas nesse contexto devem ser construídas com e para a comunidade. Isso significa: Currículos que dialogam com a realidade local, incluindo a história da comunidade, suas lutas e conquistas. Metodologias participativas, que envolvem os saberes dos mais velhos, lideranças e mestres da cultura. Formação de professores comprometidos com a causa quilombola, muitas vezes oriundos da própria comunidade. (Silva, 2026, p. 68).

Nessa perspectiva, existe a necessidade de romper com os conceitos da branquitude, em especial atenção nos espaços acadêmicos, onde contamos com protagonismos de mulheres negras que se utilizam de suas produções para formar outras mulheres e fortalecer a luta contra o racismo. E construir uma formação aos alunos que possibilite a eles dialogar, experimentar e vivenciar sua cultura, história, ancestralidade, memória e oralidade valorizando esses saberes ancestrais e tornando-os parte do processo de ensino aprendizagem.

Para Gonzalez (2022), não podemos nos calar. A discriminação racial é um fato marcante na sociedade brasileira que barra o desenvolvimento da comunidade afro-

brasileira, destrói a alma do homem negro e sua capacidade de realização como ser humano.

A metodologia desse estudo foram rodas de conversa na biblioteca da escola e na comunidade com os alunos e a observação participante, sendo a abordagem escolhida a qualitativa. Dentre as atividades desenvolvidas podemos destacar a produção de texto e leitura de textos.

O artigo foi dividido na introdução que detalha os aspectos a serem abordados nessa construção e eixo o pertencimento e resistência: dimensões essenciais à formação da identidade quilombola que trata sobre a educação que acontece nas famílias e na comunidade, educação escolar quilombola, além de destacar a importância do fortalecimento da identidade quilombola nos espaços escolares e as considerações finais expressam as conclusões que este estudo alcançou. E espera-se com este artigo fomentar o debate sobre a necessidade de articular os saberes ancestrais ao processo de ensino aprendizagem.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

As rodas de conversa ocorreram na biblioteca da escola Municipal Joaquim Pereira dos Santos para organizar o desenvolvimento das ações e se planejou um cronograma para participação das turmas, as atividades aconteciam quinzenalmente em horários definidos, caso haja necessidade de mudança os professores serão informados. As atividades têm duração de uma hora.

Para organizar o desenvolvimento das ações se planejou um cronograma para participação das turmas, as atividades aconteciam quinzenalmente em horários definidos, caso haja necessidade de mudança os professores serão informados. As atividades têm duração de uma hora.

Terças planejamento e avaliação das ações realizadas, quartas -feira e sexta-feira Fundamental I e quintas-feiras Educação Infantil. Na semana que as turmas não estive na biblioteca os alunos estarão de forma individual fazendo leituras de livros. O planejamento das atividades era organizado semanalmente.

Dentre as ações desenvolvidas podemos citar as rodas de leitura e produção de texto, debates sobre assuntos pertinentes a formação social, cultural e política dos alunos em consonância com as diretrizes da educação do campo e as diretrizes da

educação escolar quilombola que defende uma educação emancipatória que promova o protagonismo do sujeito e uma práxis pedagógica em articulação as especificidades dos educandos, em enfrentamento ao racismo e na busca de um novo projeto de sociedade.

O racismo, segundo Kilomba (2019), tem diferentes formas, quais sejam: o racismo estrutural, o racismo institucional e o racismo cotidiano, que se expressa nos diversos espaços sociais e nas situações do dia a dia. De acordo com a autora (2019), "o racismo se torna um fantasma, assombrando noite e dia." O quilombo é lugar de resistência e luta desse povo, mas também espaço de manifestações culturais e de construção de saberes populares.

Com as ações de produção de texto e incentivo à leitura desenvolvidas na biblioteca, os alunos foram estimulados a produzir poemas, cordel e escrevivência para fazer parte de uma coletânea de Escritas Quilombolas sob minha coordenação. O trabalho realizado na biblioteca foi publicado em forma de resumo de eventos acadêmicos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pertencimento e resistência: dimensões essenciais à formação da identidade quilombola

O ato de educar nas famílias quilombolas começa desde cedo; as crianças são educadas para respeitar os mais velhos e pedir a bênção aos pais, aos avós e aos griôs da comunidade; também aprendem a importância de ouvi-los, pois aqueles que vieram antes têm a experiência e a sabedoria adquiridas com a idade. Aos adolescentes, são ensinadas as práticas de produção e colheita dos alimentos, dos costumes e das tradições que configuram o jeito de ser e viver quilombola.

Presente na definição do período de plantar, baseado na religiosidade, nas fases da lua, nos sinais observados por elementos da natureza, entre eles o comportamento dos animais em cada época do ano, esses saberes são parte da educação quilombola que são aprendidos dentro do quilombo. As manifestações culturais, sociais e religiosas acontecem no território nas relações estabelecidas e nas partilhas construídas.

> O território usado se constitui em uma categoria essencial para a elaboração sobre o futuro. O uso do território se dá pela dinâmica dos lugares. O lugar é proposto por ele como sendo o espaço do acontecer solidário. Estas solidariedades definem usos e geram valores de múltiplas naturezas: culturais, antropológicos, econômicos, sociais, financeiros. (Santos 2005, p5)

Na atualidade, as famílias quilombolas permanecem educando seus filhos com base nesses ensinamentos; e muitas vezes, mesmo fora do seu território, seus costumes e

suas tradições continuam sendo parte de suas vidas e vivências. Na utilização dos chás para cuidar das doenças, na preservação do quintal em suas casas, na culinária, na religião, em diferentes aspectos pendura a identidade quilombola. Segundo Queiroz (2025):

> A linguagem, as narrativas, os momentos de solidariedade no trabalho, as dificuldades da saúde, as reuniões festivas com cantorias, danças e devoções ajudaram no reconhecimento das qualidades das pessoas e fortalecem os laços entre elas (Queiroz, 2025, p. 71).

Diante desse universo ao qual a escola está inserida sendo localizada na comunidade quilombola de Candeal, Matinha Feira de Santana que surgiu o desejo de articular a cultura, a história, oralidade e principalmente o potencial criativo e produtivo da comunidade com produção de cordel e poema.

Nesse sentido nasce o projeto biblioteca viva que foi pensado para desenvolver ações formativas e de valorização da cultura da comunidade numa construção em parceria com a comunidade e seus princípios. E nesse sentido é importante construir um ambiente escolar, onde as crianças negras possam aprender e construir grandes lições entre ela que seu povo tem uma diversidade de saberes valiosos que ajudaram a construir esse país, e que todo silenciamento e desvalorização destes saberes construído ao longo da história deve ser rompido, e a partir disso criar estratégias de resistência e valorização desses saberes no processo de aprendizagem significativa.

A biblioteca enquanto espaço pedagógico e formativo não se resume ao espaço onde os livros ficam guardados para além disso, é um espaço de construção de leitores e autores, onde as crianças possam se encantar pelo o universo da leitura, compreendendo seu papel na formação enquanto sujeito de direitos. De modo que possamos compreender que a educação emancipatória perpassa pela leitura e reflexão crítica de mundo.

E não podemos construir uma leitura de mundo sem entender a importância do processo de letramento racial para a formação das crianças, assim como expor a necessidade de reparação a população negra por todo o processo de exclusão sofrido historicamente. E tornar o momento de leitura um ato prazeroso e uma estratégia de reflexão crítica, com vistas à superação das dificuldades de leitura e a promoção de uma educação emancipatória.

Nas atividades realizadas foram oportunizados encontros entre de geração nas rodas de conversa que contou a participação de membros da comunidade artistas, lideranças da comunidade, funcionários da escola, pessoas mais velhas, as rodas com os

idosos aconteceu na casa deles para facilitar a participação dos mesmos, o que significou em um aprendizado ancestral.

A educação escolar quilombola propõe uma educação para a formação social e política do aluno em articulação com seu território e em respeito à cultura, a memória, a história, os costumes, a oralidade, os ritos religiosos de forma a construir um elo com a ancestralidade quilombola, dando significado a aprendizagem. E em reparação ao processo de exclusão histórico e como resultado de uma política de garantia de direitos.

> No centro do fazer da escola está o território com suas imbricações com os sujeitos/sujeitas, suas identidades e territorialidades, entre estas, as organizações políticas locais e as relações estabelecidas com o interno e externo, com o material e imaterial, não podendo ser dissociados uns dos outros, pois são eles partes constituintes e constituídas da identidade quilombola. Esse sentir, viver e fazer tem assento no território e suas dinâmicas. Existe uma relação de cumplicidade entre o território e sua gente, que se relaciona com o pertencimento ancestral. (Silva, 2022, p. 295).

A educação escolar quilombola precisa acontecer no chão da escola de forma efetiva, e essa é outra luta das comunidades quilombolas: que as crianças negras e quilombolas tenham de fato uma educação que valorize o protagonismo desses sujeitos e crie condições para o enfrentamento ao racismo perverso que violenta e invisibiliza estas populações e seus saberes.

E nesse sentido precisamos intensificar ações de valorização e pertencimento a estes alunos filhos e filhas de trabalhadores do campo e quilombolas. Desse modo, as ações no espaço escolar devem contribuir para a formação de sujeitos críticos. E nesse sentido as ações na biblioteca se somam a todas ações realizadas pelos professores na busca de uma aprendizagem significativa.

Em nosso estudo, a identidade quilombola está ligada às relações estabelecidas de uma determinada população com seu território, tendo em vista que os primeiros quilombos se fundaram na relação de posse de um pedaço de chão pelos escravos fugidos, que, ao habitar a terra, ali começaram a viver de acordo com os seus princípios, não mais como os fazendeiros lhe obrigaram a viver, expressados no modo de vida, no modo como cultivar os alimentos, na forma de se organizar coletivamente, nas suas crenças trazidas do seu habitar e reinventadas neste território, assim como nas relações com os seus pares construídas neste espaço.

Desse modo, reconhecemos que a identidade quilombola atualmente tem se constituído como um instrumento de luta e resistência, em reparação a todo o processo

histórico de escravização e negação de direitos sofrido pelo povo quilombola. As rodas de conversa com os alunos da escola Joaquim Pereira dos Santos, buscam promover momentos de formação e reflexão sobre a identidade quilombola, elementos essenciais para o enfrentamento à supremacia branca que nos oprimiu e exclui dos espaços sociais.

A partir de ações que oportunizem aos alunos a conhecer e respeitar os diversos saberes populares como uma fonte de conhecimento e identidade e tornar a escola um espaço de luta e resistência, contra a todas as mazelas sofridas pelo povo negro numa sociedade onde os seus saberes foram inferiorizados e apagados nos currículos pelos interesses da classe dominante. Para Arroyo (2011), rostos apagados, será fácil descobrir que os currículos favorecem que os rostos de alguns coletivos apareçam na história, e que outros rostos de outros coletivos humanos segregados se apaguem, se percam.

Nesse sentido, é necessário tocar na ferida silenciada desse processo violento e discriminatório que, durante muito tempo, tratou de apagar a história e a riqueza cultural quilombola. Deste modo, é essencial a luta para ocupar os espaços sociais e apresentar a diversidade dos saberes do povo do quilombo.

O processo de resistência também se constitui em criar estratégias de valorização e preservação da identidade quilombola que atravessou séculos e permaneceu mesmo com as diversas formas de apagamento sofridas ao longo da história. Segundo Cavalleiro (2018):

> A identidade resulta da percepção que temos de nós mesmos, advinda da percepção que temos de como os outros nos veem. Desse modo, a identidade é concebida como um processo dinâmico que possibilita a construção gradativa da personalidade no decorrer da existência do indivíduo (Cavalheiro, 2018, p. 6).

Nessa perspectiva, o conhecimento de nossos griôs deve ser pautado no processo de construção de nossa identidade como princípio básico. Todos os que vieram antes de nós contribuíram para o nosso reconhecimento e pertencimento. A história daqueles que vieram antes representa a força e habilidade deste povo que, em meio a todo processo de escravização, manteve as tradições vivas e passadas de geração em geração.

Faz-se necessário fortalecer a identidade quilombola, em especial atenção à juventude exposta às ideologias que doutrinam a população em nome de interesses capitalistas, desvalorizando os conhecimentos que são diferentes dos supostos ideais. Desse modo, é preciso envolver as novas gerações no universo cultural e identitário

quilombola. Sabe-se, portanto, que este é um dos desafios postos às instituições e aos movimentos populares.

De acordo com Hooks (2023), "o modo como o povo branco mantém seu poder é, em parte, por meio do controle de nossa imagem e de nossa representação." Desse modo, esse debate deve ser ampliado nas instituições educacionais para que, desde cedo, as crianças negras possam ser envolvidas em atividades pedagógicas de valorização do pertencimento étnico-racial, a fim de possibilitar uma contribuição para a formação crítica reflexiva destas crianças e jovens negros e quilombolas. Segundo Cavalheiro (2018), é preciso discutir o racismo desde a pré-escola com a participação da família nesse processo, uma vez que:

> (...) pode-se trazer à tona a naturalidade de como o racismo prospera em meio à sociedade, como, por exemplo, a forma com que o mesmo se dá por meio da internet e redes sociais, propagando uma ideologia suja e sem cabimento algum. Sendo assim, é importante começar a discutir sobre isso na pré-escola para que se possa trabalhar o caráter das crianças desde o início de sua formação, além de que se faça necessária a presença da família neste processo de socialização e educação (Cavaleiro, 2018, p. 04).

Vale pontuar que o corpo negro tem suas características que foram estigmatizadas e rotuladas como inferiores e "feias", ou seja, a luta é grande para romper esses conceitos alimentos pela mídia, por produções literárias, entre outros instrumentos. Sobre essa temática Hooks (2023) diz que:

> Escrevi muito sobre a necessidade de pessoas negras descolonizarem as mentes. Uma das coisas que acontecem quando você descoloniza sua mente é que se torna difícil de ser funcional na sociedade, porque você não está mais se comportando de um modo que deixe as pessoas confortáveis (Hooks, 2023, p. 371).

Portanto, para que os traços presentes em corpos negros não sejam objetos do racismo estrutural que afeta a vida de tantos negros neste país, ao ponto de muitos desejarem não ser negros devido a todo esse processo de racismo tão cruel, é neste cenário que incide a importância do movimento de luta e resistência para o reconhecimento e valorização da identidade quilombola.

> A invisibilidade dessas comunidades, negação de direitos, manifestações de racismo e a perpetuação das desigualdades raciais, sociais e culturais. A existência da política do silêncio, o silêncio racial, e o silenciamento jurídico são fenômenos que impactam negativamente a vida dos quilombolas. (Trindade, 2025, p. 104).

Para Hooks (2023), “olhe para todas as imagens com as quais nos deparamos na televisão, na escola, em todos os lugares. É preciso lutar para se amar. Eles fazem todo mundo parecer ruim. Não nos incluem em nada, sabe? Nosso auto-ódio é culpa deles.” Sendo assim, é essencial que o povo de quilombo tenha sua identidade como elemento que represente a honra, a memória, a oralidade, a cultura e a história de luta dos seus ancestrais, dando significado às tradições continuamente construídas pelo seu modo próprio de viver com uma sociabilidade estabelecida, a partir de seus princípios.

De acordo com Bento (2022), o território da memória é reafirmar que não se trata apenas de recordação ou interpretação. Memória é também construção simbólica, por coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça os vínculos da comunidade.

Nesse sentido, seguimos lutando para ocupar o lugar na história da nossa história, como forma de efetivação dos direitos já conquistados, assim como da consolidação da garantia da dignidade humana dessas comunidades. Tudo isso perpassa pelo direito de permanecer em seu território com condições dignas de viver com soberania alimentar, assim como de manifestar suas tradições.

Conforme Trindade (2025),o lugar que é dado à vida das pessoas pretas/quilombolas é aquele lugar do silêncio, da inexistência enquanto pessoa, da inexistência de direitos, da inexistência de dignidade.

É nesse contexto que se pauta a identidade de quilombola, que compreende nossos traços físicos, mas não se resume a eles. A identidade contempla a diversidade histórica, cultural, política, religiosa e social, bem como o território em que ela foi construída. Nestes termos, o direito à expressão religiosa é parte desse processo; do mesmo modo, a luta pela terra e soberania alimentar, ou seja, uma conexão de elementos expressados no dia a dia do povo de quilombo.

> A memória de um ancestral comum (matriarca, patriarca, uma família ou um conjunto pequeno de núcleos familiares originários, dimensão de origem que substitui o tempo histórico por um tempo mítico) é traço diacrítico demarcador de identidade que, na verdade, equilibra hierarquias entre os indivíduos no presente e reforça a supremacia do coletivo sobre as individualidades (Santos, 2015, p. 556).

As rodas de conversa se constituíram em momentos de formação e troca de experiência, nos quais os alunos fizeram relatos de suas vidas e falaram sobre sua compreensão acerca da formação da identidade quilombola na comunidade. Como um

espaço de diálogo, esta atividade aconteceu na biblioteca da escola numa perspectiva de uma construção coletiva sem hierarquias de poder, mas uma relação de partilha, como nos ensina as tradições quilombolas.

Durante a atividade, foram registrados alguns depoimentos dos alunos que expressavam a opinião deles sobre a identidade quilombola, como ela era formada e como o racismo e o processo de exclusão social impactaram suas vidas. E os depoimentos revelaram momentos que marcaram as vidas dos alunos em situações vivenciadas por eles e seus familiares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As ações na biblioteca buscam formar indivíduos capazes de questionar e refletir sobre as questões sociais. Através de práticas que promovam o letramento racial e a superação da dificuldade de leitura e produção textual dos alunos, a partir da valorização dos saberes tradicionais e os princípios da ancestralidade, oralidade e da memória coletiva presentes no território quilombola, onde a escola está localizada.

A identidade quilombola compreende as características sociais, culturais, físicas, históricas, religiosas baseadas na ancestralidade de um povo que carrega em si a luta por liberdade e combate ao racismo estrutural, ambiental, cotidiano, institucional, linguístico, simbólico que atravessa a vida dos negros no Brasil. E, após os depoimentos dos alunos, foi possível perceber o quanto o racismo afeta suas vidas.

Nas falas das crianças ao serem questionadas sobre o que é identidade quilombola, elas pontuaram o modo como seus pais e eles plantam a mandioca, o feijão, o milho, o jeito de cuidar dos mais velhos, o tipo de cabelo, a cor da pele, o samba, as rezas de olhado, as tranças, as comidas. Diversos traços que, segundo os alunos, configuram a identidade quilombola, que representa toda uma história de um povo.

Com o desenvolvimento deste projeto foi possível identificar um maior envolvimento dos alunos nas atividades solicitadas de produção texto, a partir da utilização dos gêneros textos que fazem parte da cultura da comunidade, entre eles a poesia e o cordel, tradição forte nas famílias da comunidade.

Vale ressaltar que o projeto envolveu os pais e a comunidade, pois nas rodas de conversa eles participavam ativamente orgulhosos de verem as produções dos alunos e a satisfação dos mesmos em escrever seus próprios textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, a partir do desenvolvimento dessas atividades foi possível identificar um maior interesse pela leitura e pela produção de texto. E nesse sentido destacar a importância da articulação dos saberes da comunidade ao processo de ensino aprendizagem na perspectiva do letramento racial para a formação social, cultural e política dos educandos. Para tanto tornar a biblioteca um espaço vivo e prazeroso para os alunos constitui-se uma estratégia de leitura e escrita significativa e de pertencimento identitário. E como resultado desse projeto teve a participação dos alunos em uma coletânea intitulada Escritas Quilombolas.

REFERÊNCIAS

ARROYO. Miguel. Currículo, **Território de disputa**. Petrópolis :vozes,2011.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

HOOKS, Bell. **Cultura fora da lei**: representações de resistência. São Paulo: Elefante, 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó. Autores. Aline Miranda UNB.2019.

QUEIROZ. Ivo. **Ancestralidade e diáspora: lembranças e causo**s\Ivo Queiroz. Curitiba: editorial Kotter,2025.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI, 2015

SANTOS, Milton. **O retorno do território.** En: OSAL: Observatório Social de América Latina. Año 6 no. 16 (jun. 2005-). Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SILVA, Ednalva dos Santos. **Semana quilombola: histórias do meu povo e as práticas ancestrais na escola do campo.** IN.Moreira. Flora de Jesus. Rodas de Cultura nas Escolas projetos de trabalhos e tradições no processo educativo. Roberta Gaio, Artemis de Araújo Soares e Gisele G. Wolkoff (organizadoras) – Santo André: V&V Editora, 2026.

SILVA, Givânia Maria da. **O Quilombo de Conceição das Crioulas: uma terra de mulheres — luta e resistência quilombola**. 2022. Tese (Doutorado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

TRINDADE, Gildemar da Paixão. **Quilombos: resistindo para além do silêncio jurídico**. Salvador: Segundo Selo, 2025.